

As rotinas e seu papel: gestão de sala de aula na prática de três professores de música na educação básica

Rafael Rodrigues da Silva
Universidade de Caxias do Sul
rafaelsilva.pr@gmail.com

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo apresentar resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2013 junto a 3 professores licenciados em música ou em educação artística que trabalham com música em atividades curriculares na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS. A questão que orientou a pesquisa foi de que forma professores de música na escola influenciam comportamentos discentes visando a criação ou manutenção de um ambiente favorável à realização das atividades que propõem? A presente comunicação apresenta de forma sucinta um dos critérios de análise empregados na pesquisa: o papel das rotinas na gestão da sala de aula dos professores pesquisados. Os dados apontam para a significativa importância dada pelos professores para o estabelecimento de rotinas em suas práticas na escola como forma de contribuir para suas práticas musico-pedagógicas.

Palavras chave: gestão de sala de aula, rotinas, música na escola.

Introdução

A presente comunicação tem por objetivo apresentar resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2013 junto a 3 professores licenciados em música ou em educação artística que trabalham com música em atividades curriculares na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS (SILVA, 2014). A questão que orientou a pesquisa foi a seguinte: *de que forma professores de música na escola influenciam comportamentos discentes visando a criação ou manutenção de um ambiente favorável à realização das atividades que propõem?* Tal pergunta é um reflexo do conceito de gestão da sala de aula que aqui adoto e que surge como forma de propor uma solução a problemas teóricos com os quais me deparei quando estava realizando a pesquisa de campo.

Conforme já apontado em um trabalho anterior (SILVA, 2013) o debate acerca da função docente gestão da sala de aula possui uma considerável tradição de pesquisa, principalmente na América do Norte. Walter Doyle, em uma definição comumente tomada como referência a caracteriza como um “conjunto de regras e disposições necessárias para criar um ambiente ordenado¹ favorável tanto ao ensino quanto à aprendizagem”. Para o autor,

1 O autor salienta que “o grau de ordem varia em função dos desvios verificados face ao programa de ação implantado na sala de aula” (GAUTHIER et al, 2006, p. 240).

ela consiste numa atividade “fundamentalmente cognitiva, baseada na antecipação, pelos professores, da trajetória provável das atividades da sala de aula e no conhecimento das consequências dessas mesmas atividades sobre as situações de aprendizagem” (apud GAUTHIER, 2006, p.241).

Na presente pesquisa, entendo gestão de sala de aula como a ação docente orientada no sentido de influenciar, interromper e/ou modificar comportamentos discentes com vistas a promover um ambiente favorável à aprendizagem. Esta definição deriva do conceito de poder tal qual enunciado por Foucault em *O sujeito e o poder*, ou seja, como “um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação” (1995, p. 243). Dessa forma, o poder não é visto como uma simples imposição, mas como uma ação indireta sobre uma pessoa, uma ação sobre o seu comportamento. Como bem aponta o próprio Foucault, trata-se de um tipo de ação exercido sobre pessoas que têm poder de escolha, ou seja, sobre pessoas livres:

Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo "governo" dos homens, uns pelos outros - no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas - a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) - mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência)... (Idem, p.244)

Dessa forma, a gestão da sala de aula, da forma como aqui a vejo, é, essencialmente, uma relação de poder. Sua particularidade (que justificaria o uso de outro conceito em vez de simplesmente adotar o conceito de poder) está no fato de esta relação se dar em um ambiente institucional consideravelmente particular em relação ao montante das relações humanas às quais estamos submetidos na contemporaneidade. Mais do que isso, vejo a necessidade de um olhar mais atento às relações de poder em sala de aula por considerar que envolvem saberes

fundamentais às práticas docentes na escola, por mais libertárias, democráticas ou emancipadoras que sejam suas propostas educacionais². Assim, proponho um olhar pouco comum para as estratégias de poder oriundas das práticas docentes: entendo que a existência de relações de poder particulares à relação professor-aluno vem sendo bastante exploradas por diferentes estudos e autores, no entanto, é muito comum que os mesmos assumam um tom de denúncia. Ao apontar relações de poder nas salas de aula com um olhar reprovador, os pesquisadores em Educação sugerem a possibilidade de a sala de aula ser um ambiente livre de conflitos onde as relações se dão tendo uma pura paixão ou motivação pelo saber como elemento em comum. Essa visão, bastante otimista, digamos, da sala de aula não é a que aqui sustento. Dessa forma, concordo com Foucault quando afirma que

Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade "sem relações de poder" só pode ser uma abstração. ...dizer que não pode existir sociedade sem relação de poder não quer dizer nem que aquelas que são dadas são necessárias, nem que de qualquer outro modo o "poder" constitua, no centro das sociedades, uma fatalidade incontornável; mas que a análise, a elaboração, a retomada da questão das relações de poder, e do 'agonismo' entre relações de poder e intransitividade da liberdade, é uma tarefa política incessante; e que é exatamente esta a tarefa política inerente a toda existência social (FOUCAULT, 1995, p. 245–246).

A presente comunicação apresenta de forma sucinta um dos critérios de análise empregados na pesquisa: o papel das rotinas na gestão da sala de aula dos professores pesquisados. O texto está dividido em três partes: a primeira descreve a metodologia empregada, a segunda apresenta os resultados da pesquisa e a terceira é dedicada às conclusões.

Metodologia

Foram selecionados três professores licenciados em Música ou em Educação Artística com habilitação em Música que atuam no componente curricular Arte em escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e que concordaram participar da pesquisa. Visto que segui lecionando na mesma rede de ensino e em uma universidade no interior do estado do Rio Grande do Sul durante os dois anos do mestrado, outros critérios de seleção foram estabelecidos, de maneira a atender a interesses pragmáticos de otimização do tempo

² “Não se estará evitando afirmar, ou admitir que dispositivos de controle e de regulação continuam presentes nas instituições educacionais mesmo nas propostas ditas progressistas?” (XAVIER, 2003, p. 48).

disponível para a pesquisa: todos os professores deveriam lecionar em escolas da zona sul de Porto Alegre (a mesma região onde leciono) e deveriam me conhecer. O último critério foi escolhido considerando a necessidade de uma pesquisa como esta carecer de uma forte relação de confiança entre pesquisador e professor pesquisado. Sendo esse tema, geralmente, abordado de maneira carregada de juízos morais e de idealizações relacionadas ao que é um bom professor, julguei oportuno que, ao explicar as intenções do trabalho, se pudesse estabelecer uma relação de confiança em poucos encontros. Também por esse motivo, os nomes dos professores foram trocados por pseudônimos escolhidos pelos mesmos para que mantenham-se no anonimato.

Cada um dos professores foi observado em três dias diferentes. Levei comigo em todos os dias de observação um gravador de áudio e um caderno onde ia registrando as ações docentes que influenciavam os comportamentos e a organização do trabalho discentes ao longo da aula. Após as observações foi realizada uma entrevista com cada um dos professores pesquisados na qual foram exploradas. As perguntas foram preparadas de maneira a apontar recorrências na prática de organização da turma do professor e práticas de gestão da sala de aula com o objetivo de questionar como os professores veem a importância ou o resultado de tais práticas e como chegaram a elas. Isso implica dizer que, exceto por algumas perguntas relacionadas à formação e à experiência do professor, poucas perguntas se repetiram entre os entrevistados.

A construção da análise dos dados que compõe a redação final se deu através de uma comparação realizada entre [1] o professor e ele mesmo (o que diz e o que fala e entre uma aula e outra), [2] entre as práticas dos três professores (apontando coincidências e divergências) e [3] entre a prática dos professores e a literatura acadêmica. Para a comparação das práticas e das entrevistas foi criado um arquivo de texto com as anotações dos diários de campo, onde as diferentes anotações foram sendo identificadas por dia da observação e professor, agrupadas em eixos de análise e acrescidas do minuto e segundo em que cada professor trata daquela questão específica durante sua entrevista.

Uma preocupação constante durante todo o processo de redação e análise foi a de não imprimir ao texto um caráter prescritivo que determinasse ao leitor quais das estratégias observadas são as mais “corretas” ou “efetivas”. A ideia é apresentar as estratégias observadas como igualmente legítimas e razoáveis, como soluções possíveis encontradas por professores

em seu exercício profissional e como práticas que podem ser situadas histórica e culturalmente em relação a outras práticas pedagógicas.

Rotinas e seu papel

O professor Eduardo, na maior parte das aulas observadas, ao entrar em sala de aula e, enquanto cumprimenta e se comunica com alguns alunos que vêm até ele ou lhe dirigem perguntas, escreve no quadro a data e a rotina do dia para só depois falar dirigindo-se a todas as crianças simultaneamente. Após comunicada a rotina, as crianças a copiam em seu caderno. Na primeira aula observada (primeiro e segundo período em uma mesma turma de terceiro ano do ensino fundamental), essa escrita inicial resultou no quadro que transcrevo abaixo:

PORTO ALEGRE, 17 DE JUNHO DE 2013

ROTINA DA AULA DE MÚSICA

1 – CONVERSA SOBRE APRESENTAÇÃO

2 – ORGANIZAÇÃO DAS MÚSICAS

3 – NOTAS MUSICAIS³

Percebe-se que aquilo que Eduardo chamou de rotina da aula é um quadro que dispõe em ordem cronológica as atividades planejadas para o(s) período(s) previsto(s) naquele dia. Comunica aquilo que foi planejado, no entanto, sua pretensão de controle da duração de cada atividade é muito menor que o quadro de horários empregado nas escolas de ensino mútuo (citado acima), por exemplo. A rotina de Eduardo cumpre um papel de lista das tarefas planejadas para aquela aula específica onde as atividades são apresentadas, mas seu tempo de duração é flexível o bastante para adaptar-se ao grau de interesse manifestado pelos alunos, interrupções, imprevistos, etc. Por exemplo, pelo que observei, o professor não esperava que o primeiro item da rotina do dia - dedicado à avaliação da apresentação que a turma realizou na festa junina da semana anterior na escola - fosse durar tanto quanto durou. Iniciou perguntando à turma o que tinham achado da apresentação e, conforme foi percebendo o grande número de alunos querendo dar sua avaliação e a diversidade de leituras para o mesmo

³ Pelo que pude observar da escrita no quadro dos terceiros anos daquela escola, é comum que os professores façam uso exclusivamente da letra maiúscula não cursiva (a “letra bastão”). Provavelmente, uma estratégia didática para fins de alfabetização e letramento.

evento, mediou a discussão organizando as opiniões por escrito no quadro dividindo-as em duas categorias: “legal” e “precisa melhorar”.⁴

Eduardo afirma ter passado a valer-se do recurso da rotina escrita e comunicada aos alunos a partir do exemplo das professoras referência com quem trabalhou. Segundo ele, esse procedimento cumpre uma dupla função: [1] por gerar um momento em que as crianças estão concentradas copiando, aproveita este tempo de maior silêncio para fazer a chamada e, o mais importante, [2] diminui a ansiedade gerada pelo desconhecimento daquilo que está previsto para depois. Para Eduardo, a ansiedade

é um fator de desorganização que vai terminar em conflito. Necessariamente, vai acabar em tapa porque é o jeito que eles acabam se reorganizando, entendeu? Eu fico ansioso, eu me desorganizo e pra eu me organizar, eu acabo agredindo, sabe? Isso desde o meu filho eu vejo.

Nas aulas observadas, Cecília e Lauro não apresentaram nenhuma postura mais sistematizada em relação à apresentação, negociação e/ou registro da rotina do dia. Talvez, por isso mesmo demonstram dar sentidos diferentes à palavra em suas falas. Lauro afirma ver a rotina como uma ferramenta mas também como uma deficiência. Algo que pode vir a engessar o planejamento e não promover novidades. Ainda assim, ressalta a importância da rotina para a sua prática, o bem-estar do aluno e, por conseguinte, para sua satisfação profissional.

Se eu tenho uma rotina... com as crianças pequenas funciona e com os mais velhos, às vezes, nem tanto... mas, se eu tenho uma rotina, é mais fácil eu ficar seguro do que eu vou fazer na sala de aula. Eu posso fazer coisas diferentes. Não quer dizer que eu vou fazer só sempre a mesma coisa e tal. Não é isso. Mas, se eu estabeleço uma rotina, eu acho que todo mundo fica mais calmo[...] Se eu conseguir estabelecer... que eles comprem a ideia de que a aula de música vai ser legal, que eles vão se divertir e não, não, não... Se isso funcionar, se eu conseguir fazer uma rotina, aí eu acho que tá ganhando... Eu vou me sentir seguro e vou me sentir feliz. Vou acordar pensando: “vou entrar naquela turma que os caras escutam e a gente faz música, então, beleza! É isso que eu gosto de fazer: tocar, cantar, inventar coisas.

⁴ Segundo as opiniões dos próprios alunos, na primeira categoria constavam itens que foram bem avaliados como a afinação do grupo ao cantar e na segunda foi levantada a necessidade de ter menos conversa entre o público e de combinar o lugar de cada um dos alunos na formação do coro para a próxima apresentação.

Cecília, por sua vez, vê a rotina como um elemento que contribui para socialização e autodisciplina.

Existem os tempos e os espaços – da hora do brinquedo, da hora de fazer um trabalho mais formal, da hora de ir pra aula tal – então, isso organiza muito, né, a criança... Então essa rotina... ela é bem importante nesse sentido de que ele não tá em casa, não tá brincando, não tá solto, não faz o que ele quer. Ele está aprendendo a viver em grupo e esse grupo tem determinadas regras de organização. E essa rotina faz com que a gente perceba isso.

Em síntese, é possível perceber que, há entendimentos distintos em relação ao que vem a ser rotina no contexto educacional. Para Eduardo, o termo rotina possui um sentido mais próximo ao que é comumente empregado pelas professoras referência, ou seja, uma apresentação (aberta ou não a negociações) das atividades planejadas para o dia dispostas em ordem cronológica. Para Lauro e Cecília, a mesma palavra possui um sentido mais próximo àquele empregado no cotidiano da população, ou seja, como repetição e automatização de ações diversas.

Conclusão

Para Gauthier (et al., 2006), as rotinas “consistem na automatização de uma série de procedimentos objetivando o controle e a coordenação de sequências de comportamentos aplicáveis a situações específicas” (p. 242). Ainda segundo os autores, ela tem por efeito[1] reduzir o número de instruções a serem dadas; [2] reduzir o número de decisões a serem tomadas; [3] tornar as atividades mais estáveis; [4] por efeito das demais, aumentar a disponibilidade do professor e; [5] diminuir a ansiedade discente tornando as práticas docentes mais previsíveis. É possível perceber nas falas dos professores pesquisados coincidências com os efeitos apontados por Gauthier e colaboradores.

Ainda que esteja claro que possuem ideias diferentes para o que vem a ser uma rotina, os professores pesquisados a veem como um elemento importante que contribui para o aproveitamento do tempo dedicado à aula na escola e para o processo de escolarização ao qual parecem estar dispostos a contribuir. Estar atento a essa dimensão da prática docente na escola pode vir a contribuir para a formação e qualificação dos professores de música na escola e para a efetiva implementação de práticas musicais consistentes na escola.

Referências

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel **Foucault, uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GAUTHIER, C. Et al. **Por uma Teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

SILVA, Rafael R. **Gestão de sala de aula na educação musical escolar**. FAGED/PUC-RS: Porto Alegre, 2014 (dissertação de mestrado).

_____. Gestão de sala de aula na educação musical escolar. **Revista da ABEM**, Londrina, v.21,n.31, p. 63-76, 2013.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. **Os incluídos na escola**: o disciplinamento nos processos emancipatórios. FAGED/UFRGS: Porto Alegre, 2003 (tese de doutorado).